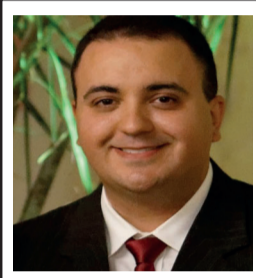




# MEMÓRIAS E HISTÓRIAS DE ARAXÁ E REGIÃO

## A História das Famílias de Carlos e Irinéa com a Família Leopoldino



*Fabricio de Avila Ferreira: Natural de Araxá, é um estudioso da história da cidade, com um extenso acervo fotográfico e documental que retrata a trajetória de Araxá e de suas famílias, fruto de mais de trinta anos de pesquisa. É biólogo especializado em Ciências Ambientais, professor e funcionário público.*

Era 1910 quando Carlos de Avila Netto, carinhosamente chamado de “Carico”, e Irinéa de Aguiar, uniram suas vidas em matrimônio, selando mais do que um simples vínculo. Era o começo de uma jornada profundamente marcada pela terra, pela convivência e por laços que não se desfazem com o tempo. Irinéa, com raízes que vinham lá de Rio Paranaíba, trazia consigo o peso de uma linhagem: o Barão de São Francisco das Chagas, seu bisavô, Manoel Joaquim Cabral de Mello. Mas, além de sua nobre herança, Irinéa carregava consigo algo ainda mais precioso: a amizade de dois grandes camaradas, Leopoldino e Silvina, que se tornariam parte da sua vida de forma indissolúvel.



Carlos e Irinéa – 1910

A vida deles teve início na Fazenda Bananal, uma propriedade que repousava perto do pequeno distrito de Argenita. E ali, na vasta e fértil terra, um pacto de lealdade se forjou, onde a relação entre patrões e empregados transcendia as convenções sociais da época. As famílias unidas não só pelo trabalho árduo, mas por uma afeição que ia além das palavras. Batizados compartilhados, padrinhos e afilhados que se cruzavam no cotidiano, e uma convivência diária que transformou a Fazenda Bananal em um lar coletivo, onde respeito, carinho e solidariedade eram os pilares que sustentavam essa grande família.



Fazenda Bananal



Os filhos de Leopoldino, João, José, Josefa, Celina, Maria, Antônio, Pedro, Leopoldino (filho) e Auxiliadora, cresceram ao lado dos filhos de Carlos e Irinéa. Adolfo, Carlos, Tereza, Martha, Cincinato, Geraldo, Geralda, Olga, Joaquim, Cecília e Pedro cresceram juntos, compartilhando risos, brincadeiras e o calor da vida no campo.



Adolfo, Carlos, Geraldo, Martha, Cincinato, Joaquim e Pedro. Tereza, Geralda, Carico, Irinéa, Olga e Cecília.

Entre tantas figuras queridas que compuseram esse universo, Maria Leopoldino se destacou com sua presença acolhedora e sua habilidade culinária inconfundível. Cozinheira de mão cheia, foi uma mulher afetuosa, sempre pronta a oferecer um prato quente ou um conselho sincero. Seu nome tornou-se sinônimo de carinho e dedicação, e todos se lembram dela com o apelido de “Comadre Maria”. Ela permaneceu na fazenda por décadas, no mesmo quarto simples da sede, onde fez história, até que, já idosa, se mudou para a cidade com uma sobrinha, mas nunca deixou de carregar no peito as memórias que alimentaram sua vida.



Antonio, Cecília, Cincinato, Geraldo, Yolanda, José Joaquim, Olga, Geralda, Maria Leopoldino, Cristóvão, Tereza, Martha, Milta e Alice

Pedro Leopoldino, o caçula de Leopoldino e Silvina, era a alegria da fazenda. Seu espírito irreverente e sua risada fácil tornavam-no uma presença constante e cativante. Sempre com uma história engraçada ou uma brincadeira na ponta da língua, Pedro conquistava a todos com sua leveza e bom humor. Ele fez da Fazenda Bananal um lugar mais vibrante, onde até os dias mais cansativos se tornavam mais suportáveis sob o brilho do seu sorriso.



Pedro Leopoldino



Celina Leopoldino

A fé era outro pilar fundamental dessa história. Foi em 1945, após o fim da Segunda Guerra Mundial, que Irinéa fez cumprir uma promessa silenciosa: se seus filhos escapassem das convocações para a Guerra, realizaria a maior Festa de Reis que a fazenda já vira. E assim nasceu a Folia da Família Leopoldino, uma celebração que até hoje é mantida viva, unindo a música, a devoção e a gratidão.

A festa daquele ano, registrada em uma fotografia diante da sede da fazenda, não foi apenas uma celebração religiosa. Ela foi um tributo à amizade, à fé cumprida e à continuidade de uma vida simples, mas profundamente conectada às raízes e às promessas feitas de coração. Cada batida de tambor, cada melodia entoada pelos músicos, era uma saudação à lealdade que unia todos aqueles que se reuniam ali.



Carlos, Irinéa e a Folia dos Leopoldino (primeira geração/filhos)

Com o passar das décadas, a história da família Leopoldino se espalhou além das fronteiras rurais, embora jamais tivesse se distanciado da terra que tanto os nutria. Antônio Leopoldino, outro filho de Silvina e Leopoldino, levou consigo o espírito da fazenda quando se mudou para o bairro Santo Antônio. Mesmo após perder a visão, manteve uma vida digna e simples, sustentada pela sua fé inabalável. Antônio sabia de cor as passagens bíblicas, compunha músicas religiosas e era uma figura querida por todos que o cercavam. Ele faleceu em 2025, aos quase 100 anos, dois anos após a partida de sua irmã Josefa, que viveu até os 104. A morte de Antônio encerrou uma geração que construiu, em silêncio e com dignidade, um legado de lealdade e fé – um legado que não está nas páginas de livros, mas nas ações cotidianas, nos pequenos gestos de carinho e na música da folia, que ainda ecoa nas manhãs de janeiro.



Antonio Leopoldino (autoria do jornalista Wander Rezende)

convivência respeitosa, o legado de fé e os valores transmitidos de geração em geração formaram um legado que continua a ser celebrado até hoje. A Folia de Reis, mantida pelos descendentes e liderada por Edmilson Leopoldino, é o fio invisível que une todas essas histórias. Ela permanece viva, como um símbolo de fé, união e resistência cultural, que ainda reverbera no coração de Minas Gerais, cantando as tradições de um tempo que jamais se perderá.

Nota: As imagens antigas que acompanham esta postagem são verdadeiros fragmentos do tempo, capturados com maestria pelo Tenente Joaquim de Ávila. Armado com um equipamen-

to fotográfico adquirido nos Estados Unidos em 1945 — uma relíquia de precisão e beleza — ele registrou cenas de um passado que hoje parecem sonhos moldados em luz e sombra. Cada fotografia, nítida e cuidadosamente composta, revela cenários como se o próprio mundo, por um instante, tivesse pausado para posar. São retratos de uma era em que a fotografia ainda era um luxo reservado a poucos, um tesouro raro, reservado aos olhos atentos e apaixonados como os de Joaquim. Seu olhar não apenas capturava imagens, mas eternizava sentimentos, lugares e silêncios de um tempo que já não volta.

### Tradição Centenária: A Folia de Reis em Minas Gerais

Enquanto isso, nas ruas de terra batida, a Folia de Reis continuava a ser celebrada, com seu som inconfundível de sanfona, viola e pandeiro, ecoando nas comunidades rurais de Minas Gerais. A tradição, que celebra a visita dos Três Reis Magos ao Menino Jesus, é uma das manifestações mais antigas e duradouras da cultura popular brasileira. E, embora tenha um caráter eminentemente religioso, a Folia de Reis desempenha também o papel de preservar a música e a cultura oral, transmitida de geração em geração.

Com suas canções, muitas vezes improvisadas, acompanhadas de instrumentos simples, como a viola e o pandeiro, a Folia de Reis ganha vida através de seu cortejo, que percorre vilas e cidades. Entre os foliões, se destaca a figura do Pallaço, o personagem irreverente que, com sua máscara e roupas coloridas, anima o grupo e atrai os olhares da comunidade, cumprindo um papel simbólico e protetor. A Folia dos Leopoldino, cuja história se entrelaça com a identidade cultural da região se fortalece a cada ano com a participação de jovens e mestres da tradição.

### A Festa de Reis: um encontro de fé, tradição e alegria

Após dias de peregrinação, quando a Folia de Reis visita casas e fazendas levando cantos, bênçãos e esperança, chega o momento mais esperado: o grande dia da Festa. É nessa ocasião que a comunidade se reúne, envolta em fé e gratidão, para celebrar não apenas o fim da jornada dos reis magos, mas também a força do encontro e da partilha.

A festividade começa com a reza do terço, sob o céu de estrelas ou sob o teto simples de um salão ou cocheira decorada com fitas e bandeirolas coloridas. Ali, em meio à devoção, acontece o tradicional ritual da passagem do ramo — um gesto simbólico e cheio de significado que define quem será o festeiro do próximo ano, garantindo assim a continuidade desse legado cultural tão querido.

Logo após, é servido o jantar, preparado com os alimentos doados por todos durante a peregrinação. A mesa, farta e generosa, carrega os sabores autênticos da roça: arroz, tutu de feijão temperado, almôndegas, frango ao molho amarelo, leitoa frita crocante e o sempre presente macarrão ao molho.

Como não poderia faltar, os doces mineiros encerram o banquete com suavidade e encanto: doce de leite cremoso, arroz doce polvilhado com canela, mamão ralado verdinho, figo em calda e outras delícias que variam conforme a estação, cada uma trazendo consigo lembranças de infância e o sabor da tradição.

E quando a noite avança, a música toma conta do terreiro. Ao som animado do acordeom, pares se formam e o chão se aquece com passos de forró, marchas e dobrados. O baile é o desfecho festivo, onde risos se misturam ao som da sanfona e onde o sagrado e o profano se encontram numa celebração viva da cultura popular.

Assim é a Festa de Reis: um elo entre o divino e o cotidiano, entre o passado e o presente, mantido vivo pela fé, pela música, pela culinária e, acima de tudo, pelo coração generoso de um povo que sabe celebrar a vida em comunhão.

### Legado e Continuidade

A história das famílias de Carlos, Irinéa e dos Leopoldino é um retrato vivo da cultura rural mineira do século XX. Sua



Folia dos Leopoldino – Capitão Martinho (segunda e terceira geração/netos e bisnetos)



Folia dos Leopoldino – Capitão Edmilson (quarta geração/netos e trinnetos)



Festa dos descendentes de Carlos e Irinéa ("Caricada") - 1981